

VESTI(R)EPETIR 1908¹Adriana Carolina Hipólito de Assis²

I - PRIMEIRA CENA

Nervosa, atravessava o átrio principal da casa grande, pois os fundos não pareciam seguros. As construções de tijolos tomados por heras adornavam os espaços, corria. Queria sair sem ser percebida com os dois vestidos acetinados de verde musgo nos braços. O volume e o peso fizeram-na retornar, certamente não passaria por ali, o liame de tempos impossibilitava a passagem por aquelas cercas, fronteiras. Retornou à sala. Deixou as roupas com os empregados, antes que Francisco Lavoura chegasse. Menstruará naquele dia, como diria a todos que não estava grávida!

Chegaram, enfim. Francisco Lavoura acompanhava a mãe. Preocupava-me o meu ventre, pareciam olhar-me com a certeza de que não engravidaria mais uma vez. Os deixei com os outros familiares e caminhei para fora. Fugi, usei a charrete.

No enterro muitas mulheres surgiram solidárias com aquela que um dia trouxera a sua libertação. Queria jogar em seu rosto o dinheiro, não precisava dele. Mas antes que imaginasse, Francisco Lavoura a havia encontrado. Queria exigir respeito:

— Como pode deixar a todos na fazenda para ir ao enterro dessa leviana e usou nossa charrete, como ousa!?

II - O TREM DA HISTÓRIA

Não há trem da história para as mulheres. Minha bisavó deveria ter acabado com todos naquela época, mas preferiu ficar com Francisco Lavoura. Sua barba, diziam todos os empregados e jagunços que lhe serviam, tremia quando não estava satisfeito com a casa, com o gado, com os cavalos, não precisava de palavras.

Minha bisa gerou mais filhas do que filhos. Todos, inclusive Jacintho, o mais novo, herdaram as artes artesanais, estava no sangue indígena. Francisco Lavoura, desde a primeira gestação queria um varão.

Cada vez que Mariana ensinava Jacintho a costurar, Lavoura tremia a barba. Não queria, não permitiria:

- Meu único filho homem. Larga esses tecidos de chita!
- Não é tecido de chita, disse Jacintho, é cetim.
- Francisco Lavoura não pensou duas vezes, deu-lhe um murro que o deixou desacordado. E não satisfeito tirou o cinto para ensinar a Mariana quem mandava naquela casa.
- Mas mãe você não sabe se isso aconteceu mesmo, a bisa estava velha, delirava a maior

1 Justificativa: Este conto foi pensado nas repetições comportamentais relacionadas à violência contra as mulheres. Acredito que a arte tem um papel importante na construção de textos, de artefatos que possibilitem à reflexão e a mudança de paradigma desse quadro repetitivo.

2 Possui graduação em Língua e Literatura Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995), mestrado em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e doutorado em Pós-Graduação em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018). É membro da ABRALIC e, atualmente é graduanda em Filosofia pela UFSC. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: Octavio Paz, literatura comparada, teoria literária, literatura e psicanálise, literatura popular picaresca, mitopoética, literatura infantil, poesia concreta. Tenho experiência como professora universitária e como revisora. É autora de livros infantis e de crítica literária.



parte do tempo, a memória dela estava entrecortada...

— É claro filha, mas essas coisas ela me contava muito antes dos sintomas da velhice aparecerem. Vamos terminar de fazer a bainha desse vestido, ficará muito bonito no corpo daquela cliente, essa vem buscar à tarde.

— Você acha que herdei alguma coisa dela, mãe?

— Sim, certamente. Esse vestido tem muito dela. Guardei no baú do sótão modelos da Mariana. Você verá como a memória veste a mesma roupa de tempos em tempos. Existem cortes, tecidos e adornos que repetem a memória do feminino. Mariana sabia disso, seus vestidos eram muito procurados, Francisco Lavoura não gostava que ganhasse dinheiro. Ah! Os homens querem a dependência, ficou irritadíssimo quando Mariana começou a costurar para outros tipos de mulheres. Francisco Lavoura não aprovava, mas Mariana sabia que ele as cortejava. Ganhava mais dinheiro costurando para o teatro e para as damas da época do que ele com o gado.

— Não sei não mãe, parece estranho ela ganhar mais do que ele, Lavoura tinha gado, mandava em todos na região... sei não, isso tá me cheirando a romance... Então me explica, a bisá Mariana saía com as mulheres da época ou só costurava pra elas?

— Filha! Que pergunta, nossa! Sua bisá era do final do século XIX, sua avó, minha mãe Maria Augusta, nasceu em 1870, você acha que naquela época tinha essas coisas, menina! Tudo o que eu sei veio dela. Ela, assim como Jacintho, que depois virou alfaiate, viveram da costura, como nós.

— Só perguntei, às vezes...

— Sua bisá era muito valente. Certa vez me contou que estava grávida da primeira filha, a que morreu no parto. Na época, o Francisco Lavoura, morava na fazenda dos pais dele com a Mariana, ela só tinha 14 anos quando se casou com ele. Mariana engravidou rápido e tinha muita fome por conta da gravidez, acordava de madrugada pra comer escondido. A mãe do Francisco era avarenta, mesquinha a comida que, aliás, tinha de sobra naquela fazenda. Mariana cozinhou um ovo pra não fazer cheiro e comer com pão e queijo. A velha era ruim, ficava de tocaia viajando a comida. Um dia ela ficou cheia e mesmo grávida selou o cavalo e foi embora pra casa dos pais dela. Saiu de casa bufando e disse ao Francisco: "Quando o senhor tiver a sua fazenda, eu volto". Francisco deu razão a Mariana, brigou com a família e exigiu sua parte nas terras. Foi uma guerra a divisão dos bens, mas ele conseguiu.

III - OS KAINGANGS

Naquela época os índios kaingangs já estavam assimilados, domados como os cavalos que Francisco Lavoura criava nos idos de 1880. Minha mãe nasceu dessa época, em 1908 estava mais moderna, costurava vestidos mostrando um terço das pernas e os braços, mas ela mesmo não usava, pois o marido brigava. Certa vez na festa da colheita do milho, resolveu vestir um dos modelos que costurava, seus ombros e braços delicados ficaram à mostra, deixando-a mais bonita. Todos olharam pra ela. Seu avô, José Baptista, a puxou e na frente de todos apertou bruscamente, cobriu seus braços e deu-lhe uma surra em casa. Minha mãe era muito linda...

Agora, a sua tataravó, essa sim era de sangue kaingang, foi laçada como bicho por um bandeirante português velho, um dos últimos desbravadores do ciclo de caça aos índios. Ele pôs filho em Guaracy e sumiu, desse inferno nasceu Mariana. Guaracy teve sorte, conseguiu casar com sua metade oposta, um fazendeiro viúvo e sem filhos. Ele fornecia milho, feijão e bebida fermentada

de pinhão para a região. Guaracy usava a bebida fermentada para homenagear os mortos no Kiki³, dizia que isso traria sorte para a colheita. Augusto de Sá deu nome bom pra Mariana, o Sá era o Jiji hâ⁴ dela. Quando casou virou uma Kaingang Gatén, um espírito da terra. Augusto de Sá sempre teve boa colheita depois que casou com ela. Não se esqueça disso, filha, você tem os kaingangs no seu sangue. Mas ainda corre o risco de ser abusada por um bandeirante, disse olhando por cima do óculos.

— O que quer dizer, que sou uma repetição das mulheres da família? Eu não pretendo me casar, não quero ninguém, mãe. Vou só namorando.

— Você diz isso, mas o último que passou pela sua vida te deixou marcas, não te batia, mas te trancava em casa, você passou a ser o fogão, a mobília da casa, não estudou e foi ficando. Muitos diziam que era acomodada, mas é repetição. Agora trabalha comigo! Vê se costura direito, pois daqui a pouco o moço vem buscar a calça.

Minha mãe às vezes me assustava. Ficou procurando essas marcas da família. Dizia que a bisavô Mariana tinha recebido o chamado de Kujá⁵ da minha tataravó Guaracy, que resolvia os problemas da tribo por meio do sonho. A bisavô Mariana, tinha um jagr, um espírito auxiliar, um lobo guará quase branco, coisa rara para um guará. Ela sempre precisava de uma metade, uma liga com o espírito animal para salvar, curar. Não entendo porque ela, o tio Jacintho e minha mãe resolveram ir para costura. Será que a costura curava ou escondia? E se envolveu com mulheres não casadas na época, por quê será?

Quando a tarde chegou, fitava pela janela o pôr do sol. Foi uma epifania, um tremor passou pelo meu corpo quando a campainha tocou e viu o dono da calça.

— Vim buscar a calça.

— Filha, pega a sacola com o nome escrito Francisco, cobra cinquenta reais dele.

IV - A REPETIÇÃO

No primeiro tempo o desejo entre os dois era compatível. Mas, passou a evitar as repetições, temia ser mais uma na história das mulheres da família. Isso parece chato, um clichê que pode me impedir de viver... Temia as coincidências: o nome, a barba eram iguais aos da saga da família, mas a atitude era contrária. Esse Francisco não era violento. Era doce, firme e quente. Os Franciscos Lavouras da história da família podiam até ser clones, mas o meu Francisco não. Dei de ombros com meus pensamentos. Fui viver...

Estava mais uma vez em 1908 quando olhei pela janela. Esperava o retorno do médico na sala de espera, esfregava as mãos. “Um filho doutor? Eu ainda não me casei. Francisco sequer sabe que fiz exame de gravidez.”

Depois que nasceu Maria Luiza, Francisco mudou. Eu não existia mais para ele, trabalhava demais, não tinha tempo e depois, ah depois...passou a não dormir mais casa. Continuei a trabalhar, não queria repetir e ficar trancada em casa. Certa manhã, recebi um pedido de um vestido de cetim verde musgo de uma moça. Dizia que era para ir a uma festa de casamento. Disse que o vestido verde combinaria com a gravata de seu noivo. Achei interessante o estilo do vestido: um corset em S, aquele que ergue o traseiro e expõe os seios. Lembrei dos vestidos do baú da bisavô Mariana. Ela

3 Kiki é um ritual sagrado de culto aos mortos

4 Jiji hâ na língua kaingang significa nome bom, bonito. Jiji hâ pode também ser compreendido como um sobrenome de pessoa honesta, boa.

5 Kujá são mulheres que recebem o chamado de uma entidade sagrada para ser xamã da tribo.



foi revolucionária, chegou a costurar vestidos em corset, na época da belle époque. Lembro que minha mãe dizia que Francisco Lavoura quase matou um moço só porque ele olhou os tornozelos dela, isso por que ela usava uma botinha e não dava pra ver nada, tudo era tão repressivo naquela época, imagina mostrar os peitos.

— Quando é a festa querida?

— Sexta-feira.

— Tá certo, deixo o vestido pronto na quarta-feira pela manhã.

Terminei o dia e fiquei pensando na costura desse vestido. Sim, foi o rei Eduardo da Inglaterra, que era conhecido pelos seus apetites pervertidos por mulheres maduras e casadas, ele influenciou a moda do corset em S, será que essa cliente tem um noivo ou um amante? Vai ver que ela tem fetiche ou gosta do estilo vintage. Encostei a cabeça na mesa de corte e adormeci. Sonhei que atravessava o átrio principal de uma casa grande, os fundos não pareciam mais seguros. As construções de tijolos tomados por heras adornavam os espaços, corria. Queria sair sem ser percebida com os dois vestidos acetinados de verde musgo nos braços. O volume e o peso fizeram-me retornar, certamente não passaria por ali, o liame de tempos impossibilitava a passagem por aquelas cercas, fronteiras. Retornei à sala. Deixei as roupas caírem no chão quando vi Francisco saindo do banho... acordei.

Cheguei em casa e fiz o jantar. Francisco estava no banho e quando saiu disse que teria de viajar a negócios para Florianópolis.

— Quando você pretende ir?

— Na sexta-feira, volto na segunda à tarde, tenho uma reunião com um cliente pela manhã. Você sabe onde está minha gravata verde acetinada, quero usá-la na reunião.